



<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>



**Macroprojeto Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas**  
**Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional**  
**(ISSN 1809-2705) – versão on-line**  
**Grupo de Pesquisa Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas**  
Autoria: Prof.<sup>a</sup> Dra. Valdeci dos Santos

Revista indexada em:

**NACIONAL**

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES / Ministério de Educação (Brasil) - **Qualis 2013** (atualizado em 27/set./2015): Ciências Biológicas: Ciências Biológicas II (C), Ciências Humanas: História (B4), Ciências Humanas: Psicologia (B4), Ciências Humanas: Educação (B4), Linguística, Letras e Artes: Letras/Linguística (C), Multidisciplinar: Ensino (B2) - <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>  
GeoDados - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

**INTERNACIONAL**

CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>  
DIALNET (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>  
GOOGLE SCHOLAR – <http://scholar.google.com.br>  
IRESIE (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>  
LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>  
REBIUN (Red de Bibliotecas Universitarias Españolas) - <http://www.rebiun.org>

**n. 21 (jul. - dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento**

**Artigo recebido em 31/ago./2016. Aceito para publicação em 27/out./2016. Publicado em 31/dez./2016.**

**Como citar o artigo:**

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas. **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão on-line. Editora Dra. Valdeci dos Santos. Feira de Santana – Bahia (Brasil), n. 21 (jul. – dez. 2016), 1 dez. 2016, p. 143-173. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

## DEFICIÊNCIA VISUAL E SEXUALIDADE: ROMPENDO PARADIGMAS COM AS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

**Maria Elizangela Ramos Junqueira**

Bióloga pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS – BR   
Especialista em Saúde Pública pela Faculdade Adventista da Bahia - FADBA – BR   
Mestra em Botânica pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS – BR   
Doutoranda em Ciências pela Universidade de São Paulo - USP – BR   
Bióloga da Secretária de Saúde do Município de Salvador – BR   
Docente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB – BR   
Grupo de Pesquisa: Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas  
E-mail: elizangela.junqueira@gmail.com

144

**Márcia Raimunda de Jesus Moreira da Silva**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS – BR   
Mestra em Educação pela Université Du Québec à Chicoutimi- CA   
Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidad Internacional TresFronteras –  
UNINTER – PY   
Analista Universitária da Universidade do Estado da Bahia - UNEB – BR   
Professora do Atendimento Educacional Especializado/SEMEC/Serrinha – BR   
Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos em Tecnologias, Educação e Libras  
Grupo de Pesquisa Representações Sociais, Imaginário e Educação Contemporânea  
E-mail: marajesu@gmail.com

### RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência do programa PIBID, no Centro de Apoio Pedagógico a Pessoas com Necessidade Educativas Especiais (CAPENE). A partir do acompanhamento, observação e identificação das demandas dos estudantes, foi proposta uma oficina sobre “Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas”, executada no segundo semestre de 2014, com estudantes com deficiência visual (cegueira e baixa visão), com faixa etária entre 17 a 55 anos. Os objetivos do programa foram promover o diálogo sobre questões contemporâneas que envolvem a sexualidade e a deficiência; discutir o abuso sexual e o estupro e suas implicações na vida social, emocional e afetiva dos sujeitos; desenvolver a consciência, a linguagem e a imagem corporal, por meio da ludicidade; estimular a autoestima através de vivências que propiciem o contato e a concepção de valorização pessoal; abordar questões acerca de cuidados e higiene pessoal. A metodologia se deu através da mediação pedagógica, uso de modelos anatômicos das partes do corpo humano, incluindo o aparelho reprodutor masculino e feminino, proporcionando o uso do tato como forma de aprendizagem. A utilização de recursos que facilitam a criação de imagens mentais, busca ressignificar conceitos, e discussões sobre a questão de gênero, a diversidade

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da.  
Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



**n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento**

sexual e a violência. Os resultados demonstraram que o “acesso às informações” aos recursos para a vivência plena da sexualidade ainda é insuficiente, por isso, há a urgência de inclusão de atividades e estratégias nos espaços escolares e instituições que possam assegurar os direitos desses sujeitos. Como consideração final, notou-se a demanda por ampliação do número de estudantes atendidos e a inclusão das demais deficiências considerando o tema abordado. A compreensão dos desafios vivenciados pelos estudantes foi uma das contribuições do trabalho, preponderantemente por visibilizar as informações que não lhes são disponibilizadas, quer pela dificuldade no “acesso à informação” ou por ainda existir certo tabu, tanto social quanto familiar, o que implica em barreiras ao pleno exercício de sua autonomia, cidadania e sexualidade.

Palavras-chave: Deficiência visual. Sexualidade. Inclusão. Orientação Sexual. Educação.

**ABSTRACT**

Experience report of PIBID program at the Centre for Assistance to People with Special Needs (CAPENE) from the monitoring, observation and identification of the demands of the students, proposed on the workshop on "Visual impairment and sexuality: breaking paradigms with contemporary issues" executed in the second half of 2014, with students with visual impairment (blindness and low vision), aged between 17-55 years. The objectives were to promote dialogue on contemporary issues involving sexuality and disability; to discuss sexual abuse and rape and its implications in social, emotional and affective subjects; to develop awareness, language and body image through playfulness; to stimulate self-esteem through experiences that provides the contact and the design of personal development; to approach topics such as personal care and hygiene. The methodology was a pedagogic mediation, the use of anatomical models of the human body including the male and female reproductive system, providing the use of the touch as a way of learning. The use of features that facilitate the creation of imagery, by seeking reframing concepts and by developing discussions on the issue of gender and sexual violence and diversity. The results showed that there is still insufficient access to information and resources to the fulfil the experience of sexuality, the urgency to include activities and strategies in school spaces and institutions that can ensure the rights of these individuals. For the considerations, there is the demand for increasing the number of students served and the inclusion of other disability considering the topic covered. Also, understanding the challenges experienced by students was one of the work contributions, showing that information isn't available, either by the difficulty in accessing information or because there is still a certain taboo (both social and family), which implies barriers to the full exercise of their its autonomy, citizenship and sexuality.

Key-words: Visual impairment. Sexuality. Inclusion. Sexual Orientation. Education.



## RESUMEN

Experiencia en el informe del programa de PIBID en el Centro de Apoyo Educativo a las personas con necesidades especiales (CAPENE). Del seguimiento, observación e identificación de las demandas de los estudiantes, se propuso taller sobre "La deficiencia visual y la sexualidad: rompiendo paradigmas con los problemas contemporáneos" ejecutado en la segunda mitad de 2014, con los estudiantes con discapacidad visual (ceguera y la baja visión), con edades comprendidas entre 17-55 años. Los objetivos fueron promover el diálogo sobre temas de actualidad relacionados con la sexualidad y la discapacidad; debatir sobre el abuso sexual y la violación y sus implicaciones en temas sociales, emocionales y afectivos; el desarrollo de la conciencia de la imagen corporal, el lenguaje ya través de lo lúdico; estimular la autoestima ya través de las experiencias que proporciona el contacto y el diseño de desarrollo personal; cuidado e higiene personal. Metodología fue la mediación, el uso de modelos anatómicos del cuerpo humano, incluyendo el sistema reproductor masculino y femenino, que proporciona el uso del tacto como una forma de aprendizaje. El uso de características que facilitan la creación de imágenes, que buscan conceptos replanteo, debates sobre la cuestión de género y la violencia sexual y la diversidad. Los resultados mostraron que existe insuficiente "acceso a la información y los recursos" para la experiencia completa de la sexualidad. Así la urgencia de incluir las actividades y estrategias en los espacios escolares e instituciones que puedan garantizar los derechos de estas personas. Consideración final es acerca de la demanda para aumentar el número de alumnos atendidos y la inclusión de otra discapacidad teniendo en cuenta el tema que se trata. La comprensión de los desafíos vivenciados por los estudiantes fue una de las contribuciones del trabajo, preponderantemente por visibilizar las informaciones que no les son disponibilizadas, quiere por la dificultad en el "acceso a la información" o por aún existir cierto tabú, tanto social cuánto familiar, lo que implica en barreras al pleno ejercicio de su autonomía, ciudadanía y sexualidade.

Palabras clave: Deficiencia Visual. La Sexualidad. Inclusión. La Orientación Sexual. Educación.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), desde a década de 70 a temática sobre Orientação Sexual está inserida nas escolas, no entanto, essa inserção se deu com maior ênfase a partir da década de 80, talvez, segundo o documento, em virtude dos contextos de maior exposição à contaminação pelo vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) e da gravidez indesejada entre os adolescentes. O documento ainda ressalta a existência do exercício sexual desde o início da humanidade como uma ação inerente ao homem, nas mais diversas culturas e tempos.

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



## n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

Tendo isso em vista, o discurso sobre sexo e sexualidade deveria ser tratado de forma natural em todos os espaços sociais. Recentemente, a discussão emergiu novamente, assumindo posição de destaque devido à divulgação do aumento no número de casos de HIV e questão do Zika associado à microcefalia em fetos e bebês, fazendo com que instituições governamentais se posicionassem sobre as decisões e as escolhas sexuais e reprodutivas de mulheres e casais. Diante da complexidade da situação, observa-se que a compreensão da sexualidade, na sociedade atual, ainda é contraditória e estigmatizada, pois tem seu nascedouro muito relacionado à questão religiosa. Assim, Altmann (2001, p. 347) afirma que:

147

O termo sexualidade surgiu no século XIX, marcando algo diferente do que apenas um remanejamento de vocabulário. O uso desta palavra é estabelecido em relação a outros fenômenos, como o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos; a instauração de um conjunto de regras e de normas apoiadas em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, desejos, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.

Da citação acima, compreendemos que os sentimentos, sensações, prazer e demais características também são inerentes à pessoa cega. A maneira como este corpo deve ser tratado e compreendido em suas práticas é vitais para a sobrevivência desse indivíduo, pois o estabelecimento da prevenção às doenças, na área de saúde, é oportuno para desenvolvimento de ações que visem à promoção de uma vida digna, com qualidade e respeito à diversidade em suas mais diversas formas.

Entretanto, por que a temática da sexualidade desperta, cada vez mais, o interesse do Estado? Altmann responde:

A criação do tema transversal Orientação Sexual os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é outro indício da inserção deste assunto no âmbito escolar. O interesse do estado pela sexualidade da população torna-se evidente a partir desta proposta. [...]

A sexualidade é o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúne globalmente como espécie humana. Está inserida entre as “disciplinas do corpo” e participa da “regulamentação das populações”. A sexualidade é



## n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

um “negócio de Estado”, tema de interesse público, pois a conduta sexual da população diz respeito à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie, o que, por sua vez, está relacionado à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e à força de sociedade. Compreende-se também como esse tipo de poder foi indispensável no processo de afirmação do capitalismo, que pôde desenvolver-se “à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos”. Além de foco de disputa política, a sexualidade possibilita vigilâncias infinitesimais, controles constantes, ordenações espaciais meticulosas, exames médicos ou psicológicos infinitos. A sexualidade, portanto, é uma via de acesso tanto a aspectos privados quanto público. Ela suscita mecanismos heterogêneos de controle que se complementam, instituindo o indivíduo e a população como objetos de poder e saber (ALTMANN, 2001, p. 576).

148

É nesse sentido que as questões ligadas à diversidade (de gênero, de expressão, de pensamentos, de linguagem, entre outros) e a sexualidade estão em constante debate, dentro e fora do âmbito escolar. Isso se dá devido à grande relevância da sexualidade no desenvolvimento físico, emocional e psíquico na vida das pessoas. Trata-se, portanto, de algo inerente ao ser humano, que se manifesta desde o nascimento, de forma distinta, à cada etapa do desenvolvimento.

Temos observado que, em geral, a família da pessoa com deficiência lhe omite informações necessárias ao percurso e condução de sua vida sexual, principalmente para os entes do sexo feminino. Os homens com deficiência, que em toda sociedade gozam de maior liberdade, exercem mais cedo sua sexualidade.

Mesmo havendo legislação que orienta o desenvolvimento da abordagem do conteúdo sobre educação e sexualidade, há ainda muito o que se fazer quanto a esta discussão quando direcionado ao estudante cego. O uso que ele faz do seu corpo deve ser mediado pelo conhecimento. Nem sempre este estudante terá à disposição os recursos tecnológicos que tem qualquer outro estudante que pode acessar tais informações diretamente em programas da Internet, por exemplo. O estudante cego necessita, primeiro, do acesso a um recurso tecnológico que esteja dotado de programas leitores de tela, para, depois, ter o acesso à informação, o que lhe rende certas dificuldades.

Desde há muitas décadas é reconhecidamente papel da escola trabalhar pedagogicamente temas sobre sexualidade, como aponta César:

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



## n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

As primeiras preocupações explícitas em relação à educação do sexo de crianças e jovens no Brasil tiveram lugar nos anos vinte e trinta do século XX. Nesse momento a educação sexual já era uma preocupação para médicos, intelectuais, professores e professoras que então povoavam o universo educacional brasileiro. No ano de 1922, o importante intelectual e reformador educacional brasileiro, Fernando de Azevedo, respondeu a um inquérito promovido pelo Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo sobre educação sexual. Por aquela ocasião o intelectual destacava a importância do ensino da matéria para o “interesse moral e higiênico do indivíduo” e para o “interesse da raça” (MARQUES, 1994). Assim nascia o interesse da educação nacional pela educação sexual como objeto de ensino nas escolas brasileiras (CESAR, 2009, p. 39-40).

149

Entretanto, embora seja imperioso abordar temas que possam, a princípio, ser considerados por muitos como constrangedores, a necessidade de exercer a sexualidade também está presente no corpo das pessoas com deficiência e, elas precisam, e o mais grave, carecem, de orientações e informações, que se encontram mais acessíveis a quem não tem deficiência.

Mesmo que tenhamos oportunizado a realização desta oficina, entendemos que essa ação é apenas a ponta de um *iceberg*, isto é, é necessário que se amplie para outros espaços formativos, incluindo o desenvolvimento de políticas públicas em nível municipal. Isso é relevante, para que todas as pessoas com deficiência obtenham informações confiáveis difundidas por pessoas capacitadas das respectivas áreas de saúde, educação e assistência social, com a participação e sob responsabilidade de suas secretarias.

Neste sentido, França expressa:

Entende-se que proporcionar unicamente condições objetivas para pessoas cegas, não será suficiente para lhes garantir qualidade de vida, pois não faz sentido falar sobre isto se, ao mesmo tempo, ignora-se a expressão da sua sexualidade e afetividade (FRANÇA, 2013, p. 101).

Assim, os direitos da pessoa com deficiência compreendem uma série de ações que implicam diretamente em sua qualidade de vida, pois abrangem um conjunto de medidas que devem acompanhar o exercício de sua cidadania e abarcar seu direito de poder gerar filhos saudáveis, algo negado quando desconhecem, dentre outras coisas, seu sistema reprodutivo.

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



## n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

Ademais, temos observado que, embora as escolas discutam temas relativos à sexualidade, essas discussões ainda não satisfazem a contento as dúvidas dos estudantes que tem deficiência visual, considerando que é preciso aprender, muitas vezes por meio de experiências táteis, as informações que serão adquiridas (ou não) durante o próprio ato sexual.

É preciso disponibilizar aos estudantes cegos e com baixa visão um modelo de educação sexual abrangente e holístico, com informações e objetos concretos, pelo menos nas regiões mais interioranas, em que impera uma educação tradicionalista e onde as políticas públicas excluem grande parte desses sujeitos. Muitas vezes, tratando-os como seres assexuados, como se já não bastasse o tabu existente em suas próprias famílias. Assim, Camargo e Ferrari afirmam que:

Apesar do avanço científico no que diz respeito ao estudo sobre sexualidade humana, este tema ainda é impregnado de mitos, preconceitos e contradições, a ponto de muitas pessoas continuarem afirmando que deve ser discutido entre adultos, o que é prejudicial para o desenvolvimento e comportamento sexual dos adolescentes (CAMARGO; FERRARI, 2009, p. 938).

A inclusão das pessoas com deficiência visual em espaços que tradicionalmente lhes foram negados e o reconhecimento das necessidades afetivas, sociais e sexuais devem ser assegurados por toda a sociedade, mas a escola possui um papel central, ao ser percebida como espaço de desenvolvimento intelectual e construção de valores que respeitem o ser humano na sua totalidade.

Nesse sentido, Camargo e Ferrari afirmam que:

A identidade sexual e a social de cada um de nós é construída, segundo a família (uma miniatura da sociedade), através da visão de mundo e valores que herdamos dos nossos pais. Refere ainda que é na escola que o jovem entra em contato com outros valores e significados e, ao confrontar ao herdado, elabora sua própria conduta, ou seja, caberia à escola oferecer aos jovens uma realidade diferente da família (CAMARGO; FERRARI, 2009, p. 938).



## **n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento**

Desse modo, este artigo apresenta o relato de experiência de parte das atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), inseridas no subprojeto intitulado “*As tecnologias digitais, sociais e ambientais e suas contribuições na formação docente no território do sisal*”, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – *Campus XI*, em parceria com Centro de Apoio Pedagógico a Pessoas com Necessidades Educativas Especiais (CAPENE), tendo como público estudantes com cegueira e baixa visão, com idade a partir de dezessete anos com mediação de supervisores e bolsistas. O programa foi constituído por diagnóstico institucional e observações no CAPENE, realizou atividades em formato de oficina UNEB por coordenadora, supervisora e bolsistas, representando o retorno do projeto para o ano de 2014.

Essa oficina foi proposta por orientação da Coordenadora do Subprojeto, com participação da Supervisora e Bolsistas a partir das observações realizadas no Atendimento Educacional Especializado – AEE, na área de deficiência visual, na qual identificou-se que temas recorrentes no cotidiano das pessoas sem deficiência, não eram abordados com a mesma naturalidade, tanto sob o ponto de vista pedagógico quanto familiar junto a pessoas com deficiência visual.

Com efeito, os objetivos propostos foram: promover a interação social de pessoas com deficiência visual, a partir da compreensão da própria sexualidade; desenvolver a consciência, a linguagem e a imagem corporal, por meio da ludicidade; possibilitar o desenvolvimento da autonomia e atenção aos cuidados com o corpo; dialogar acerca das questões contemporâneas que envolvem a sexualidade e a deficiência visual; discutir sobre o abuso sexual e o estupro e suas implicações na vida social, emocional e afetiva dos sujeitos e estimular a autoestima através de vivências que propiciem o contato e a concepção de valorização pessoal.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Participantes**

O público contemplado foram 7 estudantes com deficiência visual (cegos e com baixa visão) do Centro de Apoio Pedagógico a Pessoas com Necessidades Educativas Especiais (CAPENE) e de escolas públicas no Município de Serrinha, Bahia, Brasil. A faixa etária dos

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da.  
Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



## n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

participantes variou de 17 a 55 anos (Foto 1), sendo 4 sujeitos casados (as) e 3 solteiros (as). Entre os casados, 2 tem companheiros (as) também com deficiência visual. Em relação à escolaridade, 3 possuem o ensino fundamental, 1 possui ensino médio incompleto, 1 o ensino médio completo, 1 possui o ensino superior completo no curso de Biologia, mas está se adaptando à condição, pois perdeu a visão há pouco tempo, e 1 está cursando o ensino superior, a licenciatura em História.

**Foto 1 - Estudantes com deficiência visual ouvindo as primeiras explicações**



Foto: Junqueira, 2014

A equipe do projeto abrange uma coordenadora de área, com formação acadêmica em Licenciatura em Biologia, supervisora e professora da universidade, uma supervisora, com formação acadêmica em Pedagogia e professora do CAPENE, bolsistas de iniciação à docência e estudantes de graduação em Pedagogia, entre o 2º e 7º semestre.

Para a realização das atividades foram convidadas instituições e estabelecidas parcerias visando a contribuições de profissionais com expertise e sensibilidade para o trabalho proposto. Nessa perspectiva, destacam-se as seguintes parcerias:

- A Secretaria Municipal de Educação de Serrinha (autorização para que o projeto pudesse ser realizado no CAPENE, apoio logístico e com contribuição na alimentação dos estudantes);



## n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

- A Secretaria Municipal de Assistência Social (participou com a presença de três palestrantes);
- Centro de Referência de Atendimento à Mulher – CRAM / Dandara;
- A Secretaria Municipal de Saúde de Serrinha (participou com a presença de uma enfermeira, que realizou dinâmicas e palestra);
- O Boticário (doou kits de maquiagens e produtos para orientar os participantes em relação aos cuidados ao corpo).

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência das autoras no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES. É descritivo, exploratório e qualitativo. Para o desenvolvimento das ações, utilizou-se uma abordagem mediada pelo diálogo, dirimindo as dúvidas dos participantes, além do caráter interativo, dinâmico e lúdico.

### 2.2 Contextualizando o trabalho

O subprojeto "*As tecnologias sociais, digitais e ambientais e suas contribuições a formação docente no território do sisal*", do qual esse trabalho faz parte, foi submetido à CAPES por meio de um projeto institucional da Universidade do Estado da Bahia, através do Edital da CAPES nº 061/2013, conjuntamente com mais 48 subprojetos, sendo aprovado e iniciado no primeiro semestre de 2014, período em que foi implantado o subprojeto no Departamento de Educação, *Campus XI*, na cidade de Serrinha, no curso de Pedagogia. O marco inicial das atividades foi uma reunião de abertura para dar as boas-vindas aos participantes (bolsistas, supervisores, instituições de ensino, Secretaria Municipal de Educação do Município), concomitantemente ocorreu a apresentação da proposta aprovada e as funções de cada ator no Programa PIBID.

Para o ingresso das bolsistas nas instituições de ensino, ocorreram visitas *in loco* pelas coordenadoras e a recepção das estudantes nos espaços. Primeiramente, foram realizadas observações e a elaboração de um diagnóstico institucional visando nortear o trabalho.



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

### 2.3 Procedimentos

Para o desenvolvimento do subprojeto, foram realizadas reuniões semanais no Laboratório de Ensino e Experimentação (implantado com parte dos recursos do programa Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores – Life - CAPES) no Departamento de Educação, *Campus XI* da Universidade do Estado da Bahia com todos os grupos (Foto 2) e encontros com a supervisão na instituição, visando atender as demandas específicas de cada espaço (Foto 3). Nesses momentos formativos eram indicadas leituras, correções de produção escrita e discussões de temas pertinentes à docência em um Centro de Atendimento. As oficinas também foram executadas no Laboratório de Ensino e Experimentação com o apoio da Secretaria Municipal de Educação para o deslocamento e transporte dos estudantes.

154

**Foto 2 - Reunião de grupo com a coordenadora de área, supervisoras e bolsistas**



Foto: Moreira, 2014

Aliado à apresentação de ideias, houve esclarecimento de dúvidas e produção escrita dos bolsistas, compreendendo resumos, fichamentos, relatórios e redação dos diários de campo com as impressões das estudantes sobre o trabalho. Paralelamente, ocorreram as observações semanais no CAPENE sempre na companhia da supervisora.



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

Foto 3 - Coordenadora de área orientando as bolsistas



Foto: Nascimento, 2014

No primeiro semestre de 2014, após as observações da instituição, sua rotina, fluxos, demandas e desafios, elaborou-se um diagnóstico orientado a partir de um roteiro construído pela coordenação de área.

Após a caracterização do perfil da instituição por meio de um relatório escrito, procedeu-se à elaboração do plano de ação específico para esse espaço. Esse documento direcionou a elaboração do plano de ação, com a escolha de intervenção através de uma oficina. A aplicação das atividades ocorreu no segundo semestre de 2014, com o ápice dos trabalhos em novembro de 2014. Na proposta elaborada constava referencial teórico, objetivos, justificativa e planejamento, constava além de um roteiro de aula com as atividades a serem desenvolvidas e distribuídas, conteúdos, objetivos e recursos.

No planejamento, considerou-se apropriado convidar parceiros de formações distintas e de abordagem multidisciplinar, visando atingir as múltiplas faces do tema. O público seria composto pelos estudantes adolescentes e adultos, acompanhados pelas bolsistas no atendimento especializado no CAPENE semanalmente. Assim, considerou-se a capacidade do Laboratório de Ensino e Experimentação, do *Campus XI*, local onde ocorreu a oficina para a inscrição dos estudantes na proposta. Ressalta-se que, dentro da perspectiva do trabalho, o critério de participação na oficina era o desejo dos sujeitos, não apenas dos estudantes, de estarem inseridos no acompanhamento de supervisora e bolsistas.

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

## 2.4 A Oficina

A oficina iniciou com a descrição do ambiente da sala de aula onde seriam realizadas as atividades e expôs os materiais a serem utilizados no trabalho sobre a mesa. Em seguida, bolsistas e professores se apresentaram. Solicitou-se à plateia que, ao se apresentar, esclarecesse se tinha informações acerca do tema a ser trabalhado.

Para dar início às ações, realizou-se uma dinâmica introdutória da temática, usando som ambiente, com uma música sobre o corpo, acompanhada de uma conversa informal, com participação do público.

A dinâmica selecionada foi a da caixa mágica que foi executada com uma caixa enfeitada: colocou-se duas bonecas desmontadas, algumas roupas e objetos que são geralmente utilizados para higiene e para embelezar o corpo. Uma bolsista passou a caixa por cada participante que, por sua vez, era convidado a retirar uma peça da caixa e adivinhar o que tinha dentro, como mostra a Foto 4.

**Foto 4 - Participantes participam da dinâmica a caixa mágica**



Foto: Mota, 2014

Posteriormente, o público foi estimulado a participar através de conversação informal: Quais peças vocês encontraram na caixa? Vocês conhecem essas peças? Já utilizaram essas peças em algum momento? Para que vocês usaram? E as partes do corpo humano, vocês sabem em que lugar do nosso corpo elas ficam?

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

#### 2.4.1 Que corpo é esse?

Dando prosseguimento, uma participante da equipe realizou a explanação sobre aspectos anatômicos do corpo humano para os participantes. Abrangendo os conteúdos: órgãos de sentido, aparelho reprodutor e benefícios da atividade física para o corpo, de forma descontraída, estimulando o público a interagir por meio de perguntas desafiadoras (Foto 5).

157

**Foto 5 - Supervisora instiga os participantes com perguntas**



Foto: Araújo, 2014

#### 2.4.2 Conteúdos procedimentais para "Perceber o corpo humano"

Para trabalhar em uma perspectiva prática os tópicos apresentados na palestra anterior, o público foi convidado a tatear os modelos anatômicos (Foto 6) que representavam os respectivos aparelhos reprodutivos feminino e masculino disponíveis para conhecerem suas partes.

Para contextualizar o corpo de forma integral e não apenas os órgãos reprodutores, considerando que todo o ser sente, ama e tem prazer, foram utilizados, para a atividade tátil, modelos anatômicos representativos do corpo humano (esqueleto), do aparelho reprodutor masculino e feminino (incluindo a manipulação de um bebê no útero) e da cavidade bucal. Ao usarmos modelos anatômicos, possibilitou-se que os estudantes manipulassem os órgãos com os quais estávamos utilizando, auxiliando o estudante em seu processo de aprendizagem.

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

**Foto 6 - Manipulando os modelos anatômicos**



Foto: Nascimento, 2014

**2.4.3 Conteúdos procedimentais para "Representando seu próprio corpo"**

Durante a exposição da profissional de saúde, os participantes foram convidados e orientados a construir uma réplica de seus respectivos órgãos sexuais reprodutivos em massa de modelar (Foto 7), a partir da sua própria percepção mental, das imagens mentais construídas pelas impressões do toque.

Esta atividade foi realizada com o objetivo de conhecer, se de fato, todos tinham uma representação concreta dos seus órgãos genitais. Ofereceu-se a possibilidade de participação voluntária na atividade, entretanto, todos se mostraram dispostos e até ansiosos para construir suas réplicas.

**Foto 7 - Representação dos estudantes dos órgãos sexuais a partir de suas percepções**



Foto: Araújo, 2014



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

#### 2.4.4 Conteúdos procedimentais para "Relações de gênero; diversidade sexual, papéis sociais e violência sexual"

Os participantes foram estimulados a falar sobre suas características físicas (alto, baixo, magro, gordo, cabelo comprido, etc.). Seguido de uma roda de conversa informal algumas questões foram suscitadas como: Todas as pessoas são iguais? Já que somos todos diferentes, como devemos tratar os colegas? O que acontece quando não nos respeitamos? O que acontece quando não respeitamos o próximo? Por que é importante respeitar a opção do outro e nossa própria forma de ser?

Em seguida passamos à Contação da história: “Faca sem ponta, galinha sem pé”, escrito por Ruth Rocha. Também exibimos o curta-metragem “Acorda Raimundo, acorda”, que, embora tenha áudio e imagem, foi realizada pela equipe uma áudio-descrição com as devidas explicações de como seria desenvolvido a atividade para que os participantes pudessem compreender.

Foram travados, após a Contação de história e a apresentação do curta, diálogos sobre temas: “ficar” (namoro informal), namoro, casamento, relações, sentimentos, diversidade, cidadania e LGBT’s. Posteriormente, propôs-se escutar e discutir letras de músicas que sinalizavam o atrelamento do feminino ao sexual. Uma reflexão sobre as ideologias nas letras foi discutida com os presentes, uma vez que, muitas vezes, pode-se estimular a pedofilia e a cultura do estupro, com a exaltação de figuras como a das “novinhas”.

Para fundamentar ainda mais esse conteúdo, um membro do DANDARA, ligado à Secretaria de Assistência Social da Mulher palestrou sobre a violência contra a mulher, a Lei Maria da Penha e os diversos tipos de violência relacionados às questões de gênero e diversidade sexual. Ele relatou a experiência de pessoas que superaram a violência e quais os recursos legais e institucionais para as pessoas que precisam de apoio (Foto 8). Finalizou esse conteúdo com a música Amor e Sexo de Rita Lee.



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

**Foto 8 - Representantes da Secretária da Mulher discutem sobre as diversas formas de violência**



Foto: Mota, 2014

#### **2.4.5 Conteúdos procedimentais para "DST's, Abuso sexual e Métodos Contraceptivos"**

Posteriormente, houve uma explanação, terminando com uma roda de conversa por parte da enfermeira da Secretaria Municipal de Saúde sobre doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos (Foto 9), e das aprendizagens construídas durante as oficinas e como esses conhecimentos poderão ser utilizados no seu cotidiano.

**Foto 9 - Alguns métodos contraceptivos e próteses para o manuseio dos estudantes**



Foto: Moreira, 2014.

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

#### **2.4.6 Conteúdos procedimentais para "Autoestima e cuidados com o corpo"**

A alimentação saudável foi praticada no local, objetivando contribuir com o conforto do público. A alimentação saudável é um dos aspectos do cuidado com o corpo e a saúde. Ocorreram, assim, lanches pela manhã e pela tarde e almoços, financiados e organizados pela Secretaria Municipal de Educação.

Ocorreram, também, atividades práticas, nas quais as bolsistas demonstraram, através do contato com as mãos dos participantes, como higienizar as axilas, membros inferiores, olhos, ouvidos, cabelos e dentes. Houve o diálogo sobre a higiene do corpo, incluindo o cuidado com a face e a higiene bucal com o uso de modelos. Depois dessas atividades, seguiu-se o momento da beleza com a distribuição de Kits de produtos de beleza, como incentivo ao autocuidado.

### **3 RESULTADOS**

#### **3.1 Iniciando as atividades**

Um dos recursos utilizados foi a música instrumental para propiciar um ambiente acolhedor e suave, visando ao bem-estar dos participantes, o despertar do sentimento de acolhimento e a vontade para se expressar ao longo das atividades, objetivo este atingido.

A apresentação da equipe e do público no contato inicial com a referência do seu nome e suas principais características foi um recurso utilizado para que os indivíduos pudessem formar a imagem de cada um ali presente, ao mesmo tempo que a equipe compreendesse a imagem corporal que cada um tem de si.

Realizou-se uma dinâmica introdutória da temática a caixa mágica, onde os participantes que adivinhassem corretamente as peças ganhariam brindes. Observou-se que o público ficou entusiasmado e motivado para ter contato maximamente, querendo responder corretamente o que era o objeto e sua função, estimulando, dessa forma, a autonomia do público.

Com a participação do público, posteriormente à palestra sobre a anatomia do corpo, falou-se sobre a importância dos hábitos de higiene e a contribuição destes para o nosso



## n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

estado de saúde. Além disso, esclareceram-se questões sobre o corpo humano que auxiliaram a compreensão das atividades futuras e o acesso a informações sobre sexualidade e saúde no decorrer da oficina. Consideramos a atividade profícua devido às dúvidas e às discussões que foram geradas com a explanação desses conteúdos.

### 3.2 Percebendo o corpo humano

Essa dinâmica foi muito divertida e não gerou nenhum constrangimento. Os estudantes encararam essa oportunidade como uma excelente forma de aprendizado. As descobertas, as fisionomias e os relatos dos estudantes sobre aquele momento foram enriquecedores.

Com os modelos, apresentados em tamanho natural e de ambos os sexos, foi explicada a função de cada um dos órgãos. Este momento foi de suma importância porque alguns alunos não tinham experiências sexuais e, de fato, não conheciam um órgão sexual diferente do seu. Assim, aprenderam de forma lúdica. Importante salientar que as dúvidas e questionamentos foram respondidos com o devido respeito; os diálogos acerca da defesa do sexo antes ou depois do casamento foram travados, num clima harmonioso, mantendo-se compreensão diante das posturas de ordem religiosa, de crença ou até mesmo familiar.

Destaca-se que a atividade de reconhecimento do esqueleto humano trouxe muita curiosidade aos estudantes, pois, nunca haviam tido a oportunidade de manusear as partes do corpo humano (esqueleto, barriga anatômica em estado gestacional e uma boca), o que trouxe sensações e sentimentos controversos, de surpresa e curiosidade, uma vez que muitos deles não sabiam como uma criança se encaixava na barriga materna (Foto 10).

Os modelos anatômicos são um recurso interessante e podem ser utilizados como uma estratégia para que os estudantes possam perceber o corpo humano e entender as diferenças físicas entre os corpos, durante fases distintas da vida, aliado ao fato de que, por serem próteses, os bonecos não provocam desconforto, nem constrangimento em quem toca, evitando quaisquer tipos de abusos ou mal-estar que poderiam ser provocados pelo toque a corpos alheios durante a atividade.



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

**Foto 10 - Estudante toca o modelo anatômico que representa uma mulher em gestação, detalhe no encaixe do feto na pélvis feminina**



Foto: Nascimento, 2014

### 3.3 Representando seu próprio corpo

Durante a atividade de confecção com massa de modelar da réplica de seus respectivos órgãos sexuais reprodutivos, a enfermeira disse ao estudante que o órgão genital produzido pelo estudante estava torto. Ao passo que o estudante respondeu que o pênis dele era de fato torto.

Esse pequeno diálogo foi o estopim para novas conversas serem travadas acerca da anatomia dos órgãos reprodutores masculinos e femininos. Todos os homens e mulheres participantes quiseram falar como “viam” seus respectivos órgãos tortos ou retos, grandes ou pequenos, discutir e descrever como percebiam seus corpos e órgãos sexuais.

Será que os outros internalizaram que a anatomia do pênis é “meio torto”? Ou apenas o pênis daquele estudante específico era torto? E para as mulheres presentes, qual era o significado da palavra “torto”? Também para elas o órgão sexual masculino possui uma curvatura tão sinuosa? E, no caso do órgão feminino, como essa anatomia poderia ser percebida a partir do sentir masculino?

Como lição, refletimos que vemos os nossos órgãos a partir do olhar do outro. Deixamos que outros digam como é o nosso corpo e assim construímos ou desconstruímos nossa autoestima a partir do que o outro diz sobre o que nós somos? É importante valorizar o

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



**n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento**

que temos. Enquanto que aqueles estudantes em seu processo de construir essas formas corporais, o faziam com tanto empenho, leveza e alegria, principalmente ao manipular a massa de modelar.

O benefício do uso dos modelos anatômicos para conhecer a estrutura do corpo (Foto 11) e também da construção de modelos específicos por meio de massa de modelar dos respectivos aparelhos reprodutivos possibilitou que as atividades realizadas acontecessem em um ambiente descontraído e os estudantes puderam assim, estimular diversos sentidos, entre eles o tato.

164

**Foto 11 - Estudante conhecendo a estrutura óssea do corpo humano**



Foto: Araújo, 2014

A cegueira ou baixa visão não deve ser um fator limitante para a aproximação ou o estabelecimento de relacionamentos amorosos. Há, entretanto, formas diferentes para o conhecimento e a aproximação do outro, principalmente por meio do toque, do cheiro, do estabelecimento de um diálogo, enfim da “química” que nasce entre seres humanos.

Esses modelos anatômicos foram enriquecedores para os cursistas, considerando que algumas são pessoas com cegueira desde o nascimento e outros com baixa visão. Assim, essas pessoas tiveram a oportunidade de manipular modelos anatômicos, alguns, em tamanho real ao do corpo humano. Essa atividade foi descrita por eles como “uma experiência diferente, nunca antes experimentada”, considerando que muitos ainda não tiveram a oportunidade de



## **n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento**

estabelecer um processo de aprendizagem nem neste formato e nem sobre a temática abordada, quer no espaço de sala de aula ou extraclasse.

A manipulação das partes do corpo humano oportunizou melhor compreensão e assimilação das partes externa e interna do corpo humano, uma vez que puderam, por meio do tato, reconstruir mentalmente seu esquema corporal.

### **3.4 Discutindo as relações de gênero, papéis sociais e violência contra a mulher**

Os participantes foram convidados a falar de suas características físicas, iniciando uma discussão sobre a importância da “aceitação” de si mesmo e do outro, sem necessidade de transformação para ser aceito na sociedade.

Essa atividade serviu de base ou noção para o estabelecimento do respeito à diferença nas discussões sobre as relações de gênero e opções sexuais nos diversos contextos sociais. Para o aprofundamento da abordagem em questão, foi realizada a contação da história “Faca sem ponta, galinha sem pé”, como também a apresentação do vídeo “Acorda Raimundo, acorda”. Ambos enfatizam a desmistificação dos papéis sociais que têm sido atribuídos à sociedade ao longo do século, onde a mulher sempre foi alvo dos afazeres domésticos e o homem o provedor do sustento familiar, considerando que hoje temos uma diversidade de constituição familiar.

Para prosseguir a discussão sobre a violência contra a mulher, contou-se com a presença de três palestrantes da Secretaria de Assistência Social que discutiram sobre o trabalho realizado pelo setor do órgão, o Centro de Referência de Atendimento à Mulher Dandara, que busca oferecer auxílio nas áreas jurídica, psicológica e de assistência social às mulheres vítimas de violência doméstica, orientando-as sobre como agir ante as atrocidades imputadas principalmente pelos cônjuges, companheiros e outros entes familiares.

O Dandara oferece orientação e assistência para as mulheres, incluindo os filhos, que decidem abandonar o ambiente de violência. Uma das profissionais relatou sua história de superação, após sofrer violência por muitos anos pelo seu ex-companheiro (Foto 12) e, atualmente, atuar no movimento feminino, com a criação do Conselho Municipal de Mulheres.



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

**Foto 12 - Profissional da Dandara, expondo seu relato de vida sobre violência doméstica**



Foto: Nascimento, 2014

Ao final das atividades, apresentou-se o disque denúncia que trabalha com a violência contra a mulher.

### **3.5 Falando de doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos**

Este momento foi conduzido pela enfermeira da Secretaria de Saúde do Município, que abordou informações sobre os cuidados que devem ser tomados em uma relação sexual, como a forma correta de utilizar um preservativo masculino e feminino demonstrando, por meio dos modelos anatômicos, as partes reprodutoras masculina e feminina para que os estudantes pudessem entender as posições a partir do toque. Aliado a essa orientação, abordou como precaver-se das doenças sexualmente transmissíveis e os principais meios contraceptivos. Além de enfatizar, também, as responsabilidades em relação ao próprio corpo e ao do outro, para ter uma vida sexual ativa e plena, promovendo a redução dos riscos de uma gravidez não planejada ou de contágio de DST.

### **3.6 Auto estima e cuidados com o corpo**

Foi uma atividade de valorização e aprendizagem dos cuidados ao corpo como espaço para o amor próprio. Além, das atividades descritas na metodologia, foram estimuladas ações

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



## **n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento**

para o autocuidado. Ressalta-se que as orientações não se restringiram a discutir apenas as contribuições da higiene para a saúde, mas a inclusão de vaidade e da valorização do ser de forma integral.

Para estimular e auxiliar os sentidos, como o olfato ou o paladar, ocorreu a manipulação de produtos naturais (frutas) para a construção de imagens mentais necessárias ao seu processo de aprendizagem. Os estudantes, quando experimentaram alimentos que teriam de descobrir os sabores, recordaram de lembranças e fizeram as devidas interpretações de sua memória sensitiva. De acordo com Campos, Sá e Silva (2007):

O desenvolvimento aguçado da audição, do tato, do olfato e do paladar é resultante da ativação contínua desses sentidos por força da necessidade. Portanto, não é um fenômeno extraordinário ou um efeito compensatório. Os sentidos remanescentes funcionam de forma complementar e não isolada (p.15).

Ressalta-se que o uso de sentidos como a audição, o olfato e paladar podem e devem ser usados como recursos nos momentos de sedução e contatos com os parceiros (as).

### **3.6 Avaliação**

#### **3.6.1 Interpretando as objetividades**

O ambiente contemplou abordagens educativas referentes a uma temática cercada por tabus e, muitas vezes, considerada pelos próprios cursistas como constrangedora e que dificilmente faz parte de discussões estabelecidas no âmbito familiar. Inclusive os participantes que possuíam maior idade relataram que obtiveram conhecimentos e informações nunca antes discutidos. Sobretudo porque, muitas vezes, as pessoas com deficiências parecem, aos olhos da sociedade, como pessoas que não têm relações sexuais. Naquele espaço, contudo, os temas foram discutidos por profissionais preocupados com o outro e compreendendo que são sujeitos com vida sexual ativa.

Os objetivos do Programa PIBID no Centro de atendimento foram alcançados e teve o ápice na concretização da oficina, uma vez que a construção e disseminação de novas



## **n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento**

informações e conhecimentos foram atingidos. Durante todo o período da oficina os participantes expuseram suas dúvidas, opiniões e curiosidades acerca da temática e sobre o trabalho realizado, ampliando a possibilidade de esclarecimento, uma vez que a dúvida e o diálogo não tinham apenas um momento para emergir.

A avaliação verbal, realizada pelos participantes, superou nossas expectativas, pois, diversas vezes, ao longo da oficina, foram expressados pelos participantes termos como “interativo, dinâmico, ótimo”, acerca da metodologia. Salientou-se que a oficina promoveu diálogo e outras possibilidades para os participantes, evitando abordagens tendenciosas, bem como que os temas foram mediados por profissionais na área de saúde e humanas com expertise e experiências neles.

Segundo França (2013, p. 592) a educação sexual dedicada às pessoas cegas ou com baixa visão poderá ser uma tática eficaz para reduzir o preconceito e a vulnerabilidade das mesmas, mas para ser bem-sucedida, é preciso que lhes seja efetivamente acessível, com métodos e materiais pedagógicos coerentes à sua realidade, como folhetos informativos ou livros em Braille, desenhos anatômicos em alto relevo, áudios, filmes e vídeos com autodescrição.

Apesar de possuir um número relativamente grande de estudantes no CAPENE, à equipe do programa PIBID na instituição e responsável pela temática sexualidade ainda não foi possível acompanhar um número maior de estudantes com deficiência visual e baixa visão. O número de pessoas por oficina é também reduzido, devido aos custos com materiais, alimentação e toda atenção necessitada durante as intervenções, particularmente nas atividades da mesma. Destarte, sem as parcerias e auxílios de entidades públicas e privadas seria inviável realizar as atividades com a abrangência e qualidade obtidas, apenas por meio da estrutura do Programa PIBID, apesar de que a concessão de bolsas é a principal, mas não a única questão para viabilizar a Iniciação à Docência.

### **3.6.2 Interpretação das subjetividades**

De fato, quando da socialização junto aos estudantes, público da oficina, dos temas que seriam desenvolvidos na referida proposta, durante as sessões de realização do Atendimento Educacional Especializado - AEE, os mesmos relataram, em tom de brincadeira,

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



## n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

que chegariam com bastante antecedência para não perderem o lugar. Um estudante que reside em uma outra cidade informou que chegaria bem antes da instituição abrir, que se possível viria correndo.

O que se encontra por trás das brincadeiras? Seriam falas inocentes de uma turma que consegue interagir e são apenas descontraídos ou poderíamos fazer uma outra leitura desses relatos, mesmo que alguns dos presentes já tenham experiências com parceiros(as) sexuais?

É importante essa compreensão das experiências do público para pensar a constituição do grupo formado por quatro pessoas casadas e três solteiras, sendo que o último grupo já tenha mantido compromisso com alguém do sexo oposto ou do mesmo sexo. Consideramos que os seus prováveis parceiros (as), independentemente de serem pessoas com ou sem deficiências, não possuem muito acesso à informação sobre questões de educação sexual, o que ficou evidenciado de forma subjetiva durante o trabalho devido às dúvidas e questões suscitadas.

Outra questão importante é que a maioria dos estudantes eram do sexo masculino, o que pode estar associado às questões de gênero e a repressão da mulher pela sociedade, principalmente por serem mulheres com deficiência. Nesse sentido, Bourdieu (2012) afirma que:

[...] desejar que elas (mulheres) saibam trabalhar para inventar e impor, no seio mesmo do movimento social e apoiando-se em organizações nascidas da revolta contra a discriminação simbólica, de que elas são, juntamente com os (as) homossexuais, um dos alvos privilegiados, formas de organização e de ação coletivas e armas eficazes, simbólicas sobretudo, capazes de abalar as instituições, estatais e jurídicas, que contribuem para eternizar sua subordinação (p. 5).

Assim, apesar de todos os direitos estabelecidos e os avanços nos direitos reprodutivos e sexuais, ainda percebemos que o número de mulheres participantes em atividades de educação sexual com objetivo de empoderamento é reduzido e pode ser interpretado como uma restrição aos seus direitos sexuais e como cidadãs.



n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

#### 4 CONSIDERAÇÕES

É nesse cenário, de inclusão social e respeito à diversidade, que o trabalho foi destinado ao público do CAPENE, por se tratar de um centro de AEE, que busca oferecer subsídios aos alunos com necessidades especiais, ao promover a inclusão dos mesmos na escola regular, além de proporcionar-lhes o atendimento médico que auxiliará o processo pedagógico.

Entretanto, deve-se considerar os múltiplos desafios e percalços que foram enfrentados para viabilizar essa proposta, os quais não foram objetos de relato nesse estudo mas, que é imperioso destacar. Os questionamentos sobre a legalidade de inclusão do Centro de Atendimento Educacional no Programa PIBID, por pessoas externas ao programa e ao projeto e que, de certa forma, sentiram-se incomodadas com o trabalho o que nos faz refletir quantas dificuldades as pessoas com deficiência precisam superar para exercer cidadania e terem acesso aos conhecimentos e recursos que são instrumentos de empoderamento.

Sobre isso, Foucault afirma que:

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade; utilizável no maior número de manobras e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (FOUCAULT, 1998, p. 98).

Nesse panorama, percebemos o quão é importante fomentar as atividades de caráter lúdico e que assumem o papel de possibilitar a ampliação de conhecimentos dos sujeitos em suas etapas da vida e que essas aprendizagens sejam instrumentos de libertação para o pleno exercício de sua vida, abrangendo os aspectos da sua vida social e íntima. Ressaltamos, nesse sentido, a ludicidade que assegura o desenvolvimento psíquico, cognitivo, físico e social, por meio dos jogos, brincadeiras, contação de histórias, etc. É dessa forma que os sujeitos experimentam novas descobertas de maneira prazerosa e encantadora, possibilitando, assim, uma aprendizagem significativa.

Consideramos de suma importância falar sobre sexualidade na escola, principalmente quando a temática é tratada com respeito, mas consideramos que em outros espaços é também necessário estabelecer este diálogo. Pois, embora os programas governamentais

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



## **n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento**

disponibilizem meios contraceptivos, constatamos que a pessoa com deficiência geralmente não tem acesso a essas informações ou fazem uso desses recursos.

Sabendo que a dificuldade de informação, tanto das pessoas com deficiência, quanto dos seus parceiros e por essa temática ser considerada tabu no seio familiar, teve-se maiores cuidados com a escolha dos profissionais que fariam a abordagem dos temas propostos, buscando articular parcerias com pessoas de expertise e experiência na temática.

Na medida que o tema surgiu após o diagnóstico institucional, proposto pela coordenadora de área baseado em experiências anteriores, e, a partir das observações e diálogos mantidos com diretores, coordenador escolar, estudantes com deficiência e bolsistas de Iniciação à Docência (PIBID) durante todo o período de atuação no CAPENE, podemos constatar a urgência e acerto ao escolher o tema dentre tantos importantes.

Participar de forma efetiva desde a implantação do projeto, acompanhamento dos estudantes no CAPENE até a organização e aplicação das oficinas elaborou um sentimento de grupo e de engajamento durante esse percurso de formação acadêmica entre os participantes.

Ademais, devido ao número de pessoas acolhidas nas atividades e a dificuldade de estabelecer uma frequência curta entre as oficinas buscando atingir um número maior de pessoas com deficiência visual e que procuram ou demandam tais informações em relação a esse tipo de trabalho, considera-se que se desenvolveu um trabalho bem-sucedido.

Ressalta-se, ainda, a demanda de acesso à informações e orientações sobre sexualidade, condições de higiene bucal e as questões de gênero e diversidade sexual, não apenas para aqueles sujeitos participantes desse trabalho, mas às instituições e profissionais para que possam estar atentos a outros sujeitos e demais deficiências que, muitas vezes, não foram contempladas.

Por fim, ao pensar no trabalho em grupo com o tema sexualidade e deficiência visual, é necessário derrubar nossas próprias barreiras, para que paradigmas limitantes possam ser superados.

## **5 AGRADECIMENTOS**

À CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelas bolsas concedidas a equipe do projeto; ao CAPENE, pelo espaço de atuação para a implantação do

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da.  
Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



## n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento

programa; ao LIFE, pelos equipamentos e materiais concedidos que viabilizaram a realização das oficinas; À Secretaria Municipal de Educação do Município de Serrinha por viabilizar o projeto no município; à equipe do CAPENE; à Secretaria Municipal de Assistência Social; à Secretaria Municipal de Saúde; ao Boticário por todo o apoio durante o planejamento e aplicação das oficinas; À Coordenação institucional do PIBID na UNEB pelo apoio institucional e à PROGRAD da Universidade do Estado da Bahia pelo apoio logístico ao trabalho.

172

### 6 REFERÊNCIAS:

ACORDA Raimundo. Direção: de Alfredo Neves. Rio de Janeiro, Produtora: CETA-IBASE, 1990, son.,color., 16 min.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. In: VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA EM SEXUALIDADE, DST / AIDS, DROGAS E VIOLÊNCIA: VALORIZANDO CORPO E MENTE, 9., 2001, Florianópolis, SC. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001. Disponível em: [http://www2.eerp.usp.br/site/arquivos/noticias/Anais\\_CONGRESSO\\_EDUCACAO\\_PREVENTIVA\\_DST-AIDS\\_DROGAS\\_VIOLENCIA.pdf](http://www2.eerp.usp.br/site/arquivos/noticias/Anais_CONGRESSO_EDUCACAO_PREVENTIVA_DST-AIDS_DROGAS_VIOLENCIA.pdf)>. Acesso em: 15 de junho de 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, orientação sexual.** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, DF, MEC/SEF, 146 p. 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2014.

BOURDIEU, Pierre. Tradução: Maria Helena Kühner. **A dominação masculina.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.

CAMARGO, Elisana Ágatha Iakmiu; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência, Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 937-946. 2009. Disponível em:<[http://scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000300030&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000300030&script=sci_abstract&tlng=pt)>.Acesso em: 11 maio 2016.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/er/n35/n35a04>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

FRANÇA, Dalva Nazaré Ornelas. Sexualidade da pessoa com cegueira: da percepção à expressão. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, Salvador, v. 12, n. 1, p. 101-105,

JUNQUEIRA, Maria Elizangela Ramos; SILVA, Márcia Raimunda de Jesus Moreira da. Deficiência visual e sexualidade: rompendo paradigmas com as questões contemporâneas.



**n. 21 (jul. – dez. 2016), dez./2016 – Educação em Movimento**

jan/abr. 2013. Disponível

em:<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/article/download/6276/6612>>. Acesso em: 12 set. 2016.

FOUCAULT, Michel. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. 19. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998. 149 p.

ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta, galinha sem pé**. São Paulo: Salamandra, 2015, 32 p.

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento Educacional Especializado: Deficiência Visual**. Gráfica e Editora Cromos: Brasília, 2007. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee\\_dv.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dv.pdf) . Acesso em: 06 de novembro de 2016.